

26-08-2020

## Conversando com Da Vinci

**Annibal Coelho de Amorim**

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Sempre achei extraordinária a personalidade e as inúmeras invenções de Leonardo Da Vinci, muito à frente de seu tempo experimentara como poucos na pintura, escultura, engenheiro de modelos e projetos “aeronáuticos”, sua genialidade e criatividade sempre foi, em todos os sentidos, obras de um extra classe. Do sorriso enigmático da Mona Lisa ou do “homem vitruviano”, às invenções do que podemos considerar protótipos do “helicóptero” ou “tanques”, Da Vinci rompeu a barreira imaginativa do que podemos denominar um homem comum. Suas telas, até hoje, inspiram a vontade de poder conversar com ele, quem sabe uma entrevista exclusiva sobre os segredos da Santa Ceia, sei lá. Mas uma coisa não me sai da cabeça: com tantas obras no campo religioso, como um visionário, um “ponto fora da curva” no campo das artes, Da Vinci não foi convidado a pintar a Capela Sistina, entregue a Michelangelo? Em minha entrevista imaginária, me atrevi a lhe perguntar sobre Michelangelo e em particular sobre um ou outro detalhe da Capela Sistina, mais particularmente sobre a “Criação de Adão”. Ao examinar de memória a “Criação de Adão”, depois de um momento de hesitação, pergunto a Da Vinci: *o que lhe chama a atenção na obra de Michelangelo?* Circunspeto, sem esboçar gesto de preocupação, me diz *“na minha idade tenho dificuldade de olhar para o alto da Capela Sistina. Por acaso você tem uma reprodução?”*

Recorro aos recursos de busca usuais e lhe mostro a “criação” de Michelangelo.



Sem pompa e circunstância, Da Vinci, alisa sua longa barba e fala em tom quase profético: *“não sei realmente se algo ou alguém está sendo criado, os dedos parecem estar se distanciando, é um movimento de distanciamento, como se o criador estivesse se afastando aos poucos da criatura, talvez por saber dos problemas da criação”*. Atônito com a resposta *“davinciana”* fui um pouco mais incisivo: *por que afirma isso?*

Da Vinci, sem pestanejar, emenda uma frase atrás da outra: *“se examinar com cuidado, o criador está fazendo um lento movimento de inclinação para trás, talvez pelo temor que sua criatura se afastará de seus desígnios mais prodigiosos.*

*Acho mesmo que o criador se arrependeu no segundo seguinte da criação e contemplando o projeto inacabado tentou se afastar, como em um prenúncio do que poderia vir, o vir-a-ser”*. Entre olhos encaro Da Vinci e ele continua:

*“É algo fantasmagórico essa relação entre criador e criatura, quando vejo diante de mim um grande bloco de mármore, imagino logo a criatura que dela pode sobrevir ... acho que o criador se arrependeu durante a imaginação, mas era tarde demais e ao perceber tudo se esvaneceu, virou nuvem ... o melhor era inclinar-se e “admirar bem de longe” a criação ... note bem, há uma tensão no ar, no distanciamento entre os dedos do criador e a criatura, um vão que abre um imenso espaço de oportunidades, que podem não se consumir, o criador definitivamente se arrependeu ...”*.



Eu, sem perder, o “senso de oportunidade” perguntei: *por que?* Da Vinci, sorriu *monalisticamente*, cofiou a barba e em um suspiro disse a frase mágica: *“acho que ali há um certo medo, a preocupação de um contágio quase virótico, de um afetamento .... algo que beira a suspeição, a presunção de que podia ter esperado um pouco mais. Ao invés de criar Adão, melhor talvez fosse ter começado por Eva, mulher, mais sensível, cuidadosa e afetuosa com o meio em que vive, com todos os seres vivos, algo que apontasse para um cuidado permanente, uma gestação prolongada. Veja, esse parto de Adão, assim do nada, com um ‘toque’ foi um mero impulso e por isso o recuo, o afastamento, um desvio, o clinamen ... sabe o que quer dizer?”* Aturdido tentei recuperar o fôlego e perguntei: *acha que Michelangelo fez esse afastamento de propósito para provocar em cada um de nós essa interrogação?* Da Vinci não titubeou: *“Acho que Michelangelo estava exausto trabalhando pendurado na Capela Sistina e com muitas ‘dores do parto’”,* soltando uma gargalhada.

A entrevista caminhava para o fim e Da Vinci se preparava para entrar na “X-máquina”, semelhante a uma máquina do tempo, em forma de balão, quando olhou para mim e disse: *“Quem sabe Michelangelo tivesse experimentado uma vertigem lá em cima da Capela Sistina, quem sabe se o próprio criador do alto das nuvens percebendo a vertigem de Michelangelo anunciasse em seu ouvido que ‘aquela’ obra estava longe de ser concluída ...”*. Frase dita e Da Vinci se foi ... e eu fiquei sozinho em meus pensamentos olhando para a imagem da “Criação de Adão” e imaginando o que Michelangelo diria sobre esse trabalho “*sistiniano*”.

Mas de uma coisa eu não tenho dúvida, Da Vinci ao se despedir com sorriso “*monalítico*” me deixou com uma certeza, se fosse ele o “pintor da criação” teria optado por uma mulher e talvez sua obra fosse conhecida como “Gestação da Vida” ....

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.